

Serviço Médico à Periferia - Madeira

O SMP foi uma experiência única, inesquecível e muito enriquecedora quer sob o ponto de vista profissional quer sob o ponto de vista pessoal.

A minha experiência talvez fosse diferente da de muitos Colegas porquanto a equipa era constituída por 9 elementos que mal se conheciam (3 do Porto, 2 de Lisboa e os restantes madeirenses) e se encontraram pela 1ª vez na Ilha da Madeira.

Munidos de “guias de marcha” do Governo do Continente, aterramos numa ilha onde ninguém nos esperava e se interrogavam o que íamos lá fazer. A desconfiança das nossas possíveis atividades tornou-se ainda maior por a ilha estar em pleno período eleitoral, tendo-nos valido a camaradagem entre Colegas que se estabeleceu durante dezenas de reuniões havidas no início e se perpetuou até aos dias de hoje. Após grandes discussões com o Governo regional e militar e após apresentarmos um plano de trabalho que visava cobrir as ilhas da Madeira e de Porto Santo finalmente começamos a trabalhar no terreno.

Assim abrimos o Hospital da Calheta (com 12 camas) que embora fechado estava apetrechado do equipamento necessário; iniciamos consultas em toda a ilha da Madeira e em Porto Santo, para além de sermos chefes de equipa do S Urg no Hospital do Funchal o que para nós recém-licenciados constituía um *stress* pois o hospital de retaguarda mais próximo era em Lisboa e havia muito poucos especialistas no Funchal a quem recorrer.

Apesar de Alma-Ata apenas surgir em 1978 já aplicávamos uma clínica com a filosofia dos CSP, isto é, o doente era observado integrado no seu ambiente físico e familiar.

Para além de doentes observávamos pessoas sãs, seguíamos grávidas e crianças e fazíamos planeamento familiar. Escutávamos dramas familiares sobretudo devido a alcoolismo.

Aprendemos a observar animais pois estes faziam parte do agregado familiar e a selecionar alimentos para consumo humano. Ainda desenvolvemos diversas atividades judiciais, que apenas tinham sido teoricamente afloradas na disciplina de Medicina Legal.

Todas estas atividades ensinaram-nos a ter capacidade de decisão no momento exato, abriram-nos horizontes de como se deve praticar a medicina, isto de forma global, humanizada e com o doente integrado no seu meio. Ficamos, assim, com uma visão holística da profissão que nos acompanhou até hoje, mas sobretudo aprendemos a integrar a cultura académica, livresca, com a realidade do quotidiano do ser que nos procura.

Como ser humano o SMP abriu-nos um mundo com novas áreas geográficas, novas culturas, alargando horizontes à dimensão humana.

Zaida Azeredo

licenciada em 1974, após um ano de prática clínica

2º curso a fazer Serviço Médico à Periferia